

ESCOLA SECUNDÁRIA DO MONTE DA CAPARICA  
Curso de Educação e Formação de Adultos NS  
Trabalho Individual

	Área / UFCD	Cidadania e Profissionalidade - CP 4	Página 1 de 5
	Formador	António Afonso	
	Tema	Políticas públicas de inclusão	
	Realizado por	Silvério Velez	
	Data	6/12/2010	

**Políticas públicas de inclusão**

**Tema – Impactos económicos, culturais e sociais dos fluxos migratórios no Portugal Contemporâneo**

**OBJECTIVO: reconhecer a diversidade de políticas de inserção e inclusão multicultural.**

## **FLUXOS MIGRATÓRIOS**

### **Introdução**

Este trabalho foi realizado no âmbito da disciplina de Cidadania e Profissionalismo, com o objectivo de avaliar parte do módulo 4: "Fluxos migratórios em Portugal".

Para a sua realização, pesquisei informação na internet, consultei livros, documentos.

### **Direitos humanos e trabalhadores migrantes**

Ao longo da História, sempre existiram, com maior ou menor intensidade, os “movimentos populacionais, em resposta ao crescimento demográfico, às alterações climáticas e às necessidades económicas. Foi, porém, a Europa, primeiro pelos Descobrimentos e, mais tarde com o processo de colonização dos respectivos territórios, quem deu um grande impulso ao desenvolvimento dos fluxos migratórios.

Portanto o trabalhador migrante não é um produto do século XX. Homens e mulheres têm abandonado os seus países, em busca de trabalho noutros lugares, mesmo antes de

ESCOLA SECUNDÁRIA DO MONTE DA CAPARICA  
Curso de Educação e Formação de Adultos NS  
Trabalho Individual

	<b>Área / UFCD</b>	<b>Cidadania e Profissionalidade - CP 4</b>	<b>Página 2 de 5</b>
	<b>Formador</b>	<b>António Afonso</b>	
	<b>Tema</b>	<b>Políticas públicas de inclusão</b>	
	<b>Realizado por</b>	<b>Silvério Velez</b>	
	<b>Data</b>	<b>6/12/2010</b>	

haver o sistema de trabalho remunerado. Porém, hoje, a diferença está em que o número de trabalhadores migrantes é muito superior ao verificado em qualquer outro período da história da humanidade. Milhões de pessoas que ganham a vida – ou procuram um emprego remunerado – chegaram na qualidade de estrangeiros aos Estados onde residem. Não há nenhum continente ou região no mundo que não tenha o seu contingente de trabalhadores migrantes.

## Porque se emigra?

A pobreza e a impossibilidade de ganhar ou produzir o suficiente para garantir a própria subsistência, ou a da família, são as principais razões da migração de trabalhadores. Estes factores não são específicos da migração dos países pobres para os países ricos; a pobreza também está na origem dos movimentos migratórios de países em desenvolvimento para aqueles onde as perspectivas de trabalho parecem ser melhores – pelo menos, à distância.

Existem outras razões pelas quais se vai para o estrangeiro à procura de trabalho. A guerra, os conflitos internos, a insegurança ou a perseguições derivadas da discriminação por motivos de raça, origem étnica, cor, religião, língua ou opiniões políticas, são factores que contribuem para o fluxo migratório de trabalhadores.

No início do século XX e até 1914, o fluxo emigratório essencialmente para o Brasil era muito grande, apresentando um registo de 195 000 emigrantes só de 1911 a 1913. Nos anos seguintes, em consequência das duas guerras mundiais e da grave crise económica dos anos 30, a emigração sofre novo decréscimo. É precisamente entre os anos 30 e meados dos anos 40 que se regista o menor volume de emigrantes: 7 000 saídas anuais no período 1939/1945; foi o fim da fase transoceânica que caracterizou

**ESCOLA SECUNDÁRIA DO MONTE DA CAPARICA**  
**Curso de Educação e Formação de Adultos NS**  
**Trabalho Individual**

	<b>Área / UFCD</b>	<b>Cidadania e Profissionalidade - CP 4</b>	<b>Página 3 de 5</b>
	<b>Formador</b>	<b>António Afonso</b>	
	<b>Tema</b>	<b>Políticas públicas de inclusão</b>	
	<b>Realizado por</b>	<b>Silvério Velez</b>	
	<b>Data</b>	<b>6/12/2010</b>	

a primeira metade do século XX, com predomínio da emigração para o continente americano e em especial para o Brasil, mas logo a seguir, com 26 000 saídas anuais entre 1946 e 1955, inicia-se uma nova fase que decorrerá até meados dos anos 70.

A Europa procura recompor-se dos danos causados pela guerra, com o apoio financeiro dos Estados Unidos, através do Plano *Marshall*. Entre 1958 e 1973 foram emitidas 8 milhões de autorizações de trabalho. É nesse período que se registam os valores mais elevados de emigração em Portugal: entre 1960 e 1974 terão emigrado mais de 1,5 milhão de portugueses, ou seja, uma média de 100 000 saídas anuais.

Até então, o movimento emigratório assume proporções alarmantes, pois aos números oficiais há que acrescentar o grande volume de saídas clandestinas. O máximo de emigrantes legais registou-se em 1966 (120 000), mas o recorde de saídas foi alcançado em 1970 (173 300 emigrantes, dos quais 107 000 ilegais). Entre 1969 e 1973, período em que o movimento de ‘clandestinos’ ganhou maior importância, 300 000 portugueses saíram ilegalmente do País, correspondendo a 54% do total de emigrantes. Esta fase de intensa emigração para a Europa ocorreu durante a guerra colonial e originou um decréscimo de 3% na população entre 1960 e 1970. O principal destino foi a França, país que recebeu um terço (65 200) dos emigrantes na primeira metade dos anos 60, 59% (264 000) durante a segunda metade dessa década e 28% (81 000) no primeiro quinquénio de 70. É precisamente nos primeiros anos de 70 que a Alemanha surge como destino preferencial dos emigrantes portugueses (29% do total), estimando-se que em 1973 aí residiriam 100 000 portugueses. A emigração intra-europeia alargou-se a todas as regiões do território nacional, mas foi mais intensa nas áreas densamente povoadas do Norte e Centro do Continente. Desde finais dos anos 50, e sobretudo na década de 60, foram também consideráveis os

**ESCOLA SECUNDÁRIA DO MONTE DA CAPARICA**  
**Curso de Educação e Formação de Adultos NS**  
**Trabalho Individual**

	<b>Área / UFCD</b>	<b>Cidadania e Profissionalidade - CP 4</b>	<b>Página 4 de 5</b>
	<b>Formador</b>	<b>António Afonso</b>	
	<b>Tema</b>	<b>Políticas públicas de inclusão</b>	
	<b>Realizado por</b>	<b>Silvério Velez</b>	
	<b>Data</b>	<b>6/12/2010</b>	

movimentos migratórios de todos os territórios portugueses para as então colónias africanas.

A composição dos fluxos emigratórios também se alterou: inicialmente constituídos por mão-de-obra masculina, os últimos anos da década de 60 revelam uma maior participação feminina – 40% em 1966, 48% em 1967 e 54% em 1968 – e uma maior proporção de jovens menores de 15 anos, valores que evidenciam o processo de reagrupamento familiar em curso nesse período. Em traços gerais, a maioria dos emigrantes era adulta, sobretudo homens com baixos níveis de escolaridade e de qualificação profissional.

A partir de meados dos anos 70 a emigração em Portugal entra numa nova fase. Desde logo pela grande quebra verificada no número de saídas: entre 1974 e 1988 a emigração oficial cifrou-se em 230 000 saídas, o que corresponde a uma média anual de, apenas, 15 000 emigrantes.

O decréscimo da emigração verificado nesta fase ficou a dever-se a vários factores: por um lado, a crise económica internacional de 1973 levou os principais países de imigração na Europa – Alemanha (1973) e França (1974) – a adoptar medidas restritivas à entrada de novos imigrantes e de incentivo ao retorno aos países de origem, mas também a mudança de regime político em Portugal (1974) que conduziu ao fim da guerra colonial e ao processo de independência das colónias africanas.

A integração de Portugal na Comunidade Europeia, com as necessidades do mercado internacional de trabalho, permitiu que se criassem novas condições de mobilidade para os trabalhadores portugueses. Com efeito, a emigração não cessou. Entre 1992, data em que o Instituto Nacional de Estatística inicia a realização do Inquérito aos Movimentos

**ESCOLA SECUNDÁRIA DO MONTE DA CAPARICA**  
**Curso de Educação e Formação de Adultos NS**  
**Trabalho Individual**

	<b>Área / UFCD</b>	<b>Cidadania e Profissionalidade - CP 4</b>	<b>Página 5 de 5</b>
	<b>Formador</b>	<b>António Afonso</b>	
	<b>Tema</b>	<b>Políticas públicas de inclusão</b>	
	<b>Realizado por</b>	<b>Silvério Velez</b>	
	<b>Data</b>	<b>6/12/2010</b>	

Migratórios de Saída, e 2003 emigraram cerca de 336 200 pessoas, ou seja, uma média anual de 28 000.

A quase totalidade dos fluxos de partida é gerada no Continente: entre 1999 e 2003, 95% do total, sendo 46% na região Norte, enquanto do Alentejo, Algarve e Regiões Autónomas saiu pouco mais de 10%. Dos indivíduos que emigraram durante este período 45% possuía o 2.º ou 3.º ciclo do ensino básico, 9% o secundário ou superior, e 10% não tinham qualquer grau de ensino. A nova face da emigração portuguesa mostra uma maior proporção de licenciados ou com o ensino secundário. O aumento da taxa de desemprego, nomeadamente dos diplomados (entre Maio de 2002 e Maio de 2003 o número de desempregados com o ensino superior aumentou 44%) tem impulsionado a partida de jovens qualificados, em que se incluem muitos investigadores.

Os últimos trinta anos da sociedade portuguesa registaram, do ponto de vista dos movimentos migratórios, três acontecimentos marcantes. O primeiro foi a chegada, em poucos meses, de um intenso fluxo de mais de meio milhão de portugueses e de população de origem portuguesa, residente nas ex-colónias africanas (*retornados*), em consequência do 25 de Abril de 1974 e do subsequente processo de descolonização que lhe esteve directamente associado. Pelas suas características, intensidade e duração, constituiu um acontecimento ímpar na História nacional, com repercussões significativas na estrutura demográfica, social e económica do País. O segundo acontecimento foi o regresso parcial de emigrantes; o terceiro foi a intensificação dos fluxos imigratórios, num país tradicionalmente de emigração.